

Teatro

16, 17 e 18 Abril '09

Once and for all we're gonna tell you who we are so shut up and listen

**De uma vez por todas vamos dizer-vos
quem somos por isso calem-se e ouçam**

Um espectáculo de Ontroerend

Goed, Kopergieterij e Richard Jordan
Productions Ltd.

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Encenação Alexander Devriendt **Com** Aaron De Keyzer, Barbara Lefebure, Charlotte De Bruyne, Christophe De Poorter, Dina Dooreman, Edith De Bruyne, Edouard Devriendt, Elies Van Renterghem, Febe De Geest, Helena Gheeraert, Ian Ghysels, Koba Ryckewaert e Nathalie Verbeke **Texto** Joeri Smet e Alexander Devriendt **Dramaturgia** Mieke Versyp **Cenografia e figurinos** Sophie De Somere **Desenho de som** Stijn De Gezelle **Desenho de luz** Jeroen Doise **Apoio** Governo Flamengo, província da Flandres Oriental e cidade de Gent **Estreia** Gent, 25 de Abril de 2008

Qui 16, Sex 17 e Sáb 18 de Abril · Palco do Grande Auditório
21h30 · Duração: 1h00 · M12 · Espectáculo em inglês, sem legendas

*Vamos fazer uma peça sobre adolescentes
mas sobre muito mais que adolescentes
que se sentem como adolescentes durante a adolescência:
sobre o caos total nas nossas cabeças,
a vontade de ir longe demais, borbulhas
e dúzias de outros assuntos que vão enriquecer as vossas vidas
Vamos derrubar as barreiras entre o modo como estamos em palco e fora dele
Vamos actualizar a definição de puberdade
Damo-vos cabo do juízo, mas por uma vez vão perceber porquê
Vamos tornar supérflua toda a outra arte sobre a adolescência
Vão achar que nós somos super cool.*

*Once and for all we're gonna tell you
who we are so shut up and listen* só
pode ser representado por adolescen-
tes. Mostra treze jovens que se rebelam,
tentam definir-se, comportam-se de
maneira agressiva, sentem-se vulnerá-
veis, são cool, brincam como crianças,
mas são por vezes surpreendentemente
adultos.

Esta é a primeira co-produção do
grupo de *performance* teatral belga
Ontroerend Goed com a companhia
de teatro juvenil Kopergieterij, e é ao
mesmo tempo a primeira produção
juvenil de Ontroerend Goed.

Enquanto adolescente, Alexander
Devriendt participou em diversas pro-
duções para e com adolescentes. Mas
na sua memória sempre se divertiu mais
fora de cena. *Once and for all* explora a
possibilidade de que aconteça o inverso.
O espectáculo quer ir contra a ideia

de que os adolescentes perdem o seu
espírito rebelde quando estão em cena.
A crueza, a honestidade e as explosões
incontroladas que definem esta idade
têm de ser visíveis e tangíveis em cena.

O espectáculo mostra o paradoxo da
adolescência: é o período da liberdade,
mas do que alguma vez se vai ter.
Podemos tornar-nos o que quer que
seja, tudo é ainda possível e não temos
as responsabilidades da vida adulta.
Mas por outro lado a consciência de si
aumenta, cada gesto que se faz é regis-
tado, toda a gente observa e tenta-se
quebrar as amarras dos sistemas que
nos determinam.

Em *Once and for all*, a energia indo-
mada dos adolescentes não está pre-
sente como força destruidora, mas como
prazer de ultrapassar limites, explorar
as próprias fronteiras, sem que ninguém
diga como ou porquê.

Entrevista com Alexander Devriendt

de Mieke Versyp

Porquê um espectáculo sobre a adolescência?

Porque a minha própria adolescência foi o período mais emocionante da minha vida, por causa da liberdade que experimentei na altura, a consciência de que a minha própria personalidade se estava a desenvolver...

As escolhas que se fazem na adolescência – talvez as primeiras que alguma vez fazemos – são decisivas para o resto da vida. Podes tornar-te um criminoso entre os 14 e os 18 – ou um santo, ou cheio de raiva. Isso faz da adolescência uma das maiores transformações numa vida humana. Uma transformação de ninguém para alguém. A adolescência é um ponto de não retorno. Uma espécie de despertar.

O espectáculo também é sobre a percepção que se tem dos adolescentes, sobre os clichés que rodeiam a adolescência... No entanto o título neerlandês, *Pubers bestaan niet*, sugere que os adolescentes não existem.

Eu reajo contra a mansidão, a poesia, a melancolia que está ligada ao “adolescente”. É que esta idade tem tanta aspeira. Raramente vejo quem aponte isso. É nesta altura que se assume a liberdade de ser “malcriado”, perfeitamente consciente de que se será perdoado por isso. Durante um tempo. Um professor uma vez disse-me: podes criticar tudo e não tens de propor alternativas. Portanto fala, destrói! E ao mesmo tempo, começa a preocupar-te com o que os outros

pensam de ti. Uma idade realmente paradoxal.

O que o título neerlandês exprime é que as pessoas dessa idade não se consideram “adolescentes”. Porque é um termo de certa forma negativo, especialmente usado pelos pais. Não nos ponham etiquetas, dizem eles.

E como é que traduziram cenicamente estes conteúdos?

Levou-me muito tempo a encontrar a forma certa. Até que houve este ensaio: estavam todos moles ou enérgicos, nada funcionava. Portanto mandei toda a gente sentar-se numa cadeira e fazerem o que quisessem, só para me deixarem um bocadinho sossegado. Em menos de nada, estavam a portar-se como adolescentes, apercebendo-se em parte de que eu os estava a observar e em parte do estilo: agora estamos a fazer exactamente o que queremos. Fascinante. A caminho de casa pensei: se ao menos eles conseguissem copiar esta cena!

Adolescentes a fingirem que fazem de adolescentes que fazem de adolescentes: é disso que afinal se trata neste espectáculo. Há três percepções que eles têm de visualizar: os seus próprios clichés sobre os adolescentes, os dos pais deles sobre “miúdos na puberdade” e, finalmente, o que eles realmente pensam de si próprios.

Portanto vemos a repetição da mesma cena uma e outra vez. No entanto, de cada vez numa clave ou cor diferente. Quero mostrar diversos aspectos dos “adolescentes” enquanto grupo e de cada indivíduo separadamente. Quero mostrar o que é que nos reserva cada um deles. Dessa forma digo que não podem ser reduzidos aos clichés sobre

a sua idade. Que só confirmam esses clichés porque estão conscientes deles. E estão-se a cagar para eles.

A repetição também representa os padrões que a sociedade lhes impõe. Se a repetição é o sistema, como é que me relaciono com isso? Como é que me relaciono com uma sociedade que me cola etiquetas, clichés? Como é que lido com o facto de me atarem as mãos?

Porque é que escolheste estas 13 pessoas?

Para mim, era importante que se sentissem encorajados enquanto intérpretes, que compreendessem o que estávamos a dizer e que confiassem em mim. E que se divertissem. Que se divertissem a mexer com a liberdade que tinham. Alguns deles escolhi-os por estarem conscientes de uma série de coisas. Outros porque são loucos e “cool”. Ou o contrário. Ou não por fora, mas mais ainda por dentro.

O teatro para adultos é uma brincadeira de crianças

Um post no blogue de teatro do Guardian da crítica Lyn Gardner sobre espectáculos recentes com crianças ou jovens – em particular sobre Once and for all... e That Night Follows Day de Tim Etchells/Victoria, que estive na Culturgest em Novembro passado. Nos comentários, intervêm, entre outros, os encenadores destas duas peças.

Se ao menos se pudesse engarrafar o que se passa em *Once and for all we're gonna tell you who we are so shut up*

and listen fazia-se uma fortuna. Estes 60 minutos de desbunda representados por 13 adolescentes flamengos com idades entre os 14 e os 18 são puro magnetismo animal, um choque suado de adrenalina que capta a energia inquieta de ser adolescente e o abandono absurdo e temerário de estar permanentemente à beira da prancha de mergulho mais alta. Faz-nos olhar para trás e tentar identificar a demarcação, aquele momento em que deixámos de ser crianças e nos tornámos adultos e a vida se tornou muito mais maneável mas também muito mais chata. É um extraordinário objecto teatral, astutamente coreografado para parecer completamente não-coreografado e loucamente manipulador. Mas da melhor maneira possível. É um espectáculo sem reservas. Tudo o que estes miúdos fazem fazem-no com empenho total, mesmo que saibamos que estão a fazer deles próprios. É que o fazem melhor do que a maioria dos actores.

O que é fascinante acerca disto num contexto britânico é que, como Shami Chakrabati comentou recentemente na conferência *Action on Children's Arts*, parece mesmo que odiamos os miúdos neste país. Muitos adultos que se deparem com um grupo de 13 adolescentes na rua atravessariam para o outro lado. Mas aqui eles estão na ribalta. Na maior parte dos casos as crianças estão ausentes do teatro a não ser que sejam bonequinhos adoráveis que aparecem em *Annie* ou *Música no Coração*. Mas no preciso momento em que a ansiedade parental e o medo dos adolescentes atingiram proporções epidémicas eis que chega uma carrada de peças onde os adultos fazem fila para ver adolescentes a fazer de adolescentes.

Quarantine, uma das companhias britânicas mais excitantes e inovadoras, incluiu frequentemente jovens no seu trabalho, incluindo três raparigas adolescentes no seu espectáculo mais recente *Old People, Children and Animals*. Em *That Night Follows Day*, um grupo de crianças dispõe-se muito bem comportado num ginásio escolar, olham directamente para o público e dizem-nos algumas boas verdades. É uma litania de acusação que dura uma hora, e cujo efeito é criar a noção de quanto a infância é uma questão de ser coagido e forçado pelos adultos a fazer coisas que não se quer fazer. “Vocês fazem-nos promessas e às vezes esperam que a gente não se lembre delas. Dizem-nos para ficarmos sentados e quietos, para ficarmos sossegados. Dizem-nos não.”

O que é interessante em todos estes espectáculos, claro, é que são moldados e mediados por um encenador adulto. Richard Gregory encenou *Old People, Children and Animals*. É Tim Etchells (dos Forced Entertainment) o responsável por escrever e encenar *That Night Follows Day*, e sente-se a sua voz identificável por trás das crianças. Para *Once and for all* é Alexander Devriendt, de 31 anos, quem assume a responsabilidade. É isto um problema? Só se se fingisse o contrário, e de qualquer forma estes espectáculos não são feitos por adolescentes para adolescentes, mas sim para um público adulto. Os dois miúdos de 13 anos que eu levei para verem *Once and for all* gostaram, mas tal como gostam da emoção ilícita de ver um episódio de *Skins*. Em *That Night Follows Day* as crianças olham-nos directa e acusatoriamente enquanto falam de amor, traição, sacrifício abnegado e

manipulação emocional. Podem estar em cena sob os projectores, mas somos nós – o público adulto – quem está a ser interrogado. O espectáculo provoca uma extraordinária balbúrdia de sensações porque sabemos que enquanto pais somos culpados do comportamento que também recordamos da nossa própria infância. A astúcia desta peça engenhosa e ao mesmo tempo simples e bela é que o público adulto tem um pé em cada lado.

Há um fascínio semelhante em *Once and for all*, que rola pelo palco do BAC e o desfaz. Depois de uma cena em que os miúdos fazem marmelada, se apalparam e estão para ali, voltam-se e olham para nós. O olhar deles é tão impiedoso que queremos desviar o nosso. “Para que é que estão a olhar?”, pergunta uma, e conseguimos ouvir-lhe o desprezo na voz. Fomos apanhados a olhar para os animais no jardim zoológico. Eu gostaria de saber se estes espectáculos funcionam noutros contextos e quando são representados em sociedades que não tenham tanto medo dos jovens como a nossa, e se o seu fascínio se baseia em parte numa espécie de nostalgia porque nos permitem reencontrar o nosso ser adolescente perdido. Os miúdos, acho, vão-se dar bem; é connosco, adultos na plateia, que eu me preocupo.

Lyn Gardner
guardian.co.uk, 27 de Outubro de 2008

© Phile Deprez



Comentários

AndrewCowie

27/10/08, 21h55

O espectáculo não é “um choque suado de adrenalina que capta a energia inquieta de ser adolescente”; é, como diz acertadamente mais adiante, a memória, ou fantasia, suada de um homem crescido do que é ser adolescente. Vi *That Night Follows Day* em Birmingham e julguei que era concebido pelo elenco até falar com um deles depois e ele me ter dito que era tudo escrito por Tim Etchells.

Nenhum destes espectáculos é a voz autêntica dos jovens; consistem em jovens usados por adultos para entreter outros adultos e, neste caso, para os titilar com cenas de sexo entre menores. Aproxime-se com cuidado.

lyngardner

28/10/08, 9h44

Olá Andrew. Esse é sem dúvida um ponto de vista e concordo com ele em parte. Os espectáculos seriam para mim dúbios se tentassem esconder o facto do contributo adulto. Mas não o fazem, são completamente honestos acerca disso. São espectáculos de adultos para adultos com adolescentes. Sim, há uma mediação e há uma indubitável manipulação, mas não me parece que alguém que assista esteja inconsciente disso. Quanto à titilação e ao sexo entre menores, não me parece que possa concordar consigo. Os adolescentes não conseguem tirar as mãos de cima uns dos outros e ver isso reconhecido em cena, em vez de reprimido como normalmente acontece neste país, parece-me saudável. Um abraço, Lyn.

MattTrueman

28/10/09, 12h48

Tendo visto Alexander Devriendt a falar ontem, ele não tem pejo em assumir o seu próprio envolvimento. Insistiu que o seu papel foi o de criar o espaço livre para os miúdos brincarem livremente, forçarem e quebrarem barreiras e moldar o material numa forma. Nesse espaço livre, o intérprete continua a ter responsabilidade pelas suas acções – é real e é assumido. Os adolescentes estão muito mais conscientes dessa responsabilidade do que as crianças pequenas em *That Night Follows Day* – sabem e compreendem a peça, vêem-lhe o ângulo. É óbvio que estão a representar uma versão de si próprios que querem projectar tanto quanto a versão que Devriendt quer mostrar. Pegue-se na sequência das drogas – sim, alguns retratam-na de forma verosímil, mas outros (especialmente os intérpretes mais novos) representam fantasias, a imaginação desse comportamento, fingimentos inautênticos.

Fale-se com os intérpretes de Ontroerend a seguir e eles darão informações interessantes sobre a peça. Sim, podem reproduzir algumas das palavras de Devriendt, mas são perfeitamente capazes de serem mais do que meros portaz-vozes.
(...)

alisoncroggon

18/10/08, 22h16

Vi *That Night Follows Day* na semana passada, por acaso com a minha filha de 18 anos, que me deu uma ou duas cotoveladas (especialmente por causa da afirmação sobre esvaziar os mealheiros e prometer pagar de volta – pensei

que éramos os únicos que fazíamos isso. Reparem, pagávamos mesmo de volta...).

Não achei que fosse acusatório. Havia muita coisa sobre brincadeiras e piadas e as ambiguidades e idiotices dos adultos. Cartografava aquela zona nebulosa entre impor a própria vontade a outro e o tipo de orientação e ensino que os adultos têm de fornecer e de que as crianças também precisam e que desejam. Para meu espanto, tinha dito uma alta percentagem daquelas coisas aos meus filhos – explicações sobre cosmologia, sombras chinesas, etc., assim como “não”. (Tirando as coisas sobre os negros e as pessoas pobres, como boa liberalzinha que sou.) Tanto eu como a minha filha achámos bem que fosse um texto escrito, como qualquer outra peça. Nem tudo tem de ser *devised theatre* para ser “autêntico”. O que conta é a qualidade da imaginação, que neste caso era ampla, e, achei eu, sabiamente honesta.

AJHampton

29/10/08, 4h17

Mas não é este o verdadeiro teatro documental? Onde o próprio material, os intérpretes, não são ficcionais, mesmo se o que dizem foi previamente escrito, isto é, o exacto contrário do teatro *verbatim* [actores profissionais dizem um texto construído a partir de entrevistas reais], ou o que tem passado por documentalário neste país. Estou ansioso por ver um espectáculo de Quarantine, o trabalho deles parece fantástico. (...) Outro espectáculo nesta lista, também feito este ano, é o espectáculo *Airport Kids* de Stefan Kaegi (dos Rimini Protokoll) e Lola Arias [que estiveram na Culturgest/Alcantara Festival 2008 com *Chácara*

Paraíso], sobre as crianças filhas de executivos de multinacionais sediadas em Lausanne. (...)

Tim Etchells

29/10/08, 8h40

Sem me alongar demasiado sobre o processo, posso talvez acrescentar aqui alguma coisa sobre como foi feito *That Night Follows Day*. A peça – produzida pelo teatro flamengo Victoria (Campo) – tem um texto meu, como já foi assinalado pela Lyn e como acho que toda a gente que conheça o meu trabalho (ou leia o programa) provavelmente saberá. O texto foi feito em duas fases – começou comigo a escrever, ao que se acrescentou material novo, desenvolvido, estruturado e refinado num processo de *workshop* com as 16 crianças que interpretam a peça. Não se tratou certamente de eu chegar com uma “visão” completa e um guião e despejá-lo em cima dos intérpretes – ao invés, como acontece com praticamente tudo o que tenho feito com intérpretes adultos nos Forced Entertainment ou noutros contextos, esta peça cresceu a partir dos intérpretes, dentro deles e à sua volta como parte de um longo longo processo – um processo que implicou discussões, experimentar coisas, mudar coisas, reescritas em colaboração no fazer, poderia dizer-se.

É justo perguntar se os intérpretes compreendem e se apropriam daquilo que fazem. A minha experiência ao trabalhar com estes jovens e ao vê-los fazer a peça ao longo dos últimos dois anos é que – tal como um grupo de adultos que trabalharam juntos nalguma coisa – sabem o que fazem e apropriam-se muito bem disso. Estão a representar.

Estão a encontrar uma posição dentro da peça a partir da qual podem falar e enfrentar o público. Sabem o que isso significa. Levo a sério os jovens intérpretes na criação e na representação da peça. Eles criaram-na, olham-na e interpretam-na de forma inteligente. É uma estrutura, e eles trabalham para a fazer cantar.

Claro que qualquer pessoa que pisa um palco é lida de formas que não pode prever, controlar ou antecipar – a representação excede-nos e escapa-nos sempre. As crianças em *That Night Follows Day* também sabem disso, tal como qualquer intérprete tem de conhecer esse facto, viver com ele e aceitá-lo. Isto não faz deles fantoches ou papagaios. Os intérpretes compreendem que habitam a peça e são visíveis nela de muitas e complicadas maneiras. Podem-se ter discussões sobre representar e “verdade” e personagem e máscara e ser com qualquer membro do elenco de *TNFD*, mesmo os mais novos de entre eles, se se escolher o momento apropriado e dedicando-lhe o tempo necessário.

That Night Follows Day é sobre as molduras (societal, intelectual, educativa, familiar, física) que os adultos constroem para as crianças. Também é, inevitavelmente, um exemplo destes processos. Tanto quanto consigo perceber não há interacção possível entre adultos e crianças que escape a isto. A peça é sobre isso. Podem ver nela a minha projecção, e enquanto público poderão ver e sentir a vossa. As crianças estão “nisso” – capturadas e livres ao mesmo tempo – tal como no mundo exterior. O que é fantástico, parece-me, é que as crianças também estão sempre a

exceder e a escapar a estas molduras. Também fazem isso no espectáculo.

Não me custa nada concordar que *TNFD* não é “a voz autêntica dos jovens” – blhaac. Não me disporia a fazer algo tão ingénuo. Não pretendo representar dessa forma. De qualquer modo mal acredito em vozes autênticas ponto final. Vozes são vozes – são camadas complicadas de desejo, fantasia, limite, projecção, assombração, ficção. A autenticidade é uma espécie de tirania particularmente contemporânea e tornou-se um fetiche, procurada em todo o lado, especialmente pelos media e (para ser franco) mais frequentemente devorada como espectáculo antes de o circo partir de novo. Nesse sentido não me interessa – interessa-me fazer algo de facto mais complexo, e que saiba muito bem que é artifício. Mas isso talvez seja outra discussão. O que *TNFD* tenta fazer enquanto espectáculo é ser uma câmara de eco, um espaço para reflectir sobre como os adultos fazem e enquadram o mundo para os mais novos. Acho, partindo das reacções que tive do público e da crítica por toda a Europa desde que estreámos a peça, que funciona bastante bem nesse aspecto. (...)

justpassingthrough

29/10/08, 9h14

Gostei de *Once and for all* mas sinto que faltou qualquer coisa de crucial à crítica da peça, e que consiste na referência muito clara ao trabalho dos Forced Entertainment (teria interesse em saber se o Tim a viu). As cadeiras desirmanadas em segunda mão, a linha, a interpelação directa, as repetições, a confusão, as disrupções e interrupções,

as conversas entreouvadas, o rondar na fronteira da acção. Essencialmente *Bloody Mess* representado por Forced Ents juniores. Tendo falado com o grupo, sei quanto gostaram de *Bloody Mess* quando foi representado em Gent. Não é para denegrir o sucesso da peça, mas quando o espectáculo recebe prémios de experimentação e inovação acho que isto devia ser assinalado. Como diz o Ant [Ant Hampton, dos Rotozaza], devia incluir-se uma peça verdadeiramente original como *Airport Kids* na discussão sobre este novo filão de obras (espectáculos com crianças/jovens ostensiva mas não exclusivamente destinados a um público adulto), e *That Night Follows Day* é uma obra muito mais estimulante emocionalmente que diz mais sobre as crianças hoje do que uma visão nostálgica e simplista da juventude perdida (que sei que é dita no início de *Once and for all*). Talvez receba mais de *TNFD* porque reflecte tanto sobre o que significa ser pai como sobre ser filho.

ogalexander

29/10/08, 11h25

Olá a todos, Enquanto encenador de *Once and for all* gostaria mesmo de reagir a alguns comentários feitos aqui. Mas para resumir, deixem-me primeiro dizer alguma coisa sobre o objectivo e processo da peça. Enquanto adolescente desempenhei papéis em demasiados espectáculos onde não percebia realmente o que estava a fazer e não sentia que tivesse a mínima ideia do que é que a peça comunicava, dito da maneira mais simples: não me divertia. Enquanto adolescentes divertimo-nos nos bastidores e nos autocarros. E enquanto adulto revivi

esta experiência ao ver agora espectáculos juvenis. Não é que não prestem, ou não sejam complexos e belos. Acho por exemplo que *That Night Follows Day* tem um belíssimo texto. Mas acredito mesmo que ao fazer um espectáculo com adolescentes sobre adolescentes (que como é óbvio *TNFD* não quis fazer) podemos esforçar-nos mais por comunicar qual é a cena deles. Claro que um actor é sempre um receptáculo mas ao aceitar simplesmente isto como toda a verdade, muitos encenadores acabam por parar de tentar reagir contra isso. É verdade que os Forced Entertainment são um grupo pelo qual temos muito respeito (acho que *And On the Thousandth Night* [na Culturgest em 2002] é uma das melhores peças que alguma vez vi). Mas lembro-me de Tim Etchells dizer uma vez que atingir a realidade em palco é impossível. Isso entristeceu-me porque é isso que nós enquanto grupo tentamos conseguir. E agora posso alegremente dizer que ele está enganado. Claro que não se consegue atingir uma realidade ou autenticidade plenas num espectáculo (como é que se faz isso na vida real?) mas o nível que se consegue atingir pode ser espantoso.

E essa é a verdade que não se pode negar acerca de *Once and for all*. Este espectáculo é mais deles do que muitas outras peças. Cada fala que dizem, cada movimento que fazem. São deles. Durante o processo forneci um espaço livre onde pudessem fazer o que quisessem. E ao longo de seis meses essa foi a única coisa que tentei tornar possível. Só depois disso é que trabalhamos em direcção ao espectáculo fixando os movimentos. E para aqueles que viram a peça acho que são capazes de sentir

que a estrutura é algo que o encenador/ escritor forneceu mas ao mesmo tempo sente-se que a estrutura é suficientemente pura e simples para que eles a entendam completamente. E nessa estrutura pode ver-se autenticidade. Para mim isso não é ingénuo, é apenas uma ótima maneira de fazer teatro quando se tenta atingir algo verdadeiro e se criam as oportunidades na peça que tornem isso possível. Não apenas em *Once and for all* mas também nas nossas performances individuais *The Smile Off Your Face* e *Internal* jogamos com as fronteiras entre realidade e ficção, actores e espectadores. Porque acreditamos que o teatro tem de reflectir sobre a realidade, e o “mundo exterior” é ele próprio uma mistura constante de ficção e realidade. E claro que não há nada de absoluto ao conseguir isso. Mas é tão fácil afirmar que porque não é plenamente possível então desiste-se. E no caso de *Once and for all* não desistimos. alexander devriendt (...)

ianghysels

29/10/08, 19h23

Olá eu sou o ian ghyssels um dos actores de *once and for all* discordo mesmo quando dizes que esta peça é feita pela fantasia sexual do encenador o que vê em palco faz parte de nós os nossos sorrisos não são falsos não finjo as acções o que fazemos em palco é feito por nós todos ele não nos disse agora faz aquilo sê aquela pessoa sabes como é que ele fez o nosso encenador foi ao supermercado deixou-nos comprar cenas interessantes pôs-nos num palco e disse façam o que quiserem divirtam-se e nós fizemos e algumas acções não eram sempre

no ensaio se tínhamos um intervalo e brincávamos ele escolhia isso este é um grupo muito próximo e sabemos tudo uns sobre os outros adoro entrar em *once and for all* é uma parte importante da minha vida e nunca fiz um espectáculo assim nós não fingimos ser outros somos só nós próprios e o alexander não é só o nosso encenador é o nosso amigo e um óptimo amigo se visses o que nós fazemos quando não estamos a fazer o espectáculo vamos a festas uns com os outros divertimo-nos não o fazemos pelo dinheiro não somos pagos só o fazemos para estarmos uns com os outros e se não gostares do espectáculo... E DÁ!!!! nem sequer te conheço provavelmente és um velho rezingão que tem medo dos miúdos ou tem inveja de nunca ter feito aquilo quando era novo só se é novo uma vez e é a melhor altura da tua vida não nos interessa o que tu pensas nós divertimo-nos em palco de cada vez. portanto a cena é nós é que o fizemos o nosso encenador os acteurs o técnico o produtor sendo nós próprios e não outra pessoa e adoro-os a todos e acho que isso nos separa de todos os outros grupos de teatro juvenil é a nossa peça de todos nós e demo-nos todos tão bem com o grupo com o encenador o produtor somos mesmo próximos e isso fim.
(...)

AndrewCowie

30/10/08, 9h55

Sou grande fã de Tim Etchells e de Forced Entertainment e ao rere o meu exemplar de *Not Even a Game Anymore* hoje de manhã percebi que queixar-me de falta de autenticidade é a pior coisa que eu podia ter feito!

Trabalho em teatro juvenil e é provavelmente por isso que questões de propriedade e responsabilidade fossem o fulcro da minha resposta e peço desculpa se não valorizei a sensibilidade e o cuidado com que os espectáculos foram feitos. Mas que fantástico ver três artistas sérios e reflectidos a responderem longamente num blogue do Guardian juntamente com uma crítica de âmbito nacional e os próprios actores!
(...)

MattTrueman

30/10/08, 12h16

“Não é para denegrir o sucesso da peça, mas quando o espectáculo recebe prémios de experimentação e inovação acho que isto devia ser assinalado.”

Isto é interessante. Primeiro, uma clarificação: o Total Theatre Award que *Once and for all* ganhou foi na categoria de experimentação e inovação, e não apenas por essas qualidades. É uma clarificação importante, parece-me, porque a peça encaixa numa categoria (se for preciso aplicar categorias a obras assim) de experimentação, para além de ter qualidades inovadoras.

Independentemente disso: esta afirmação passa seguramente em claro o processo contínuo da inovação. Quão novo tem de ser um espectáculo (ou aliás qualquer obra de arte) para se poder considerar inovador? Seguramente não de forma absoluta? O reconhecimento (ou até a manifestação) de tradições e precursores numa obra não a pode desclassificar da etiqueta “inovadora”, e certamente não da de “experimentação”. *Once and for all* tem uma dívida para com *Bloody Mess*, claro, e outros para além desse, mas não

se pode declarar que tudo o que inclua ou ande à volta do caos construído carece de aventura ou de investigação.

De facto, para citar o próprio *Once and for all*:

“Já tudo foi feito antes. Mas não por mim. Não agora.”

(Retrospectivamente, é uma maneira bastante foleira de terminar um post, mas apesar disso vou deixar estar.)
(...)

As companhias

Ontroerend Goed é uma companhia de teatro e *performance* que cria espectáculos íntimos e individuais assim como peças de teatro para apresentar em espaços convencionais. Prosseguindo estas duas vias, toma a liberdade de explorar os limites e os códigos das artes cénicas e de abrir o teatro às expectativas e gostos variados de um público grande e diversificado. “Ontroerend Goed” é um jogo de palavras entre a expressão “onroerend goed”, que quer dizer “imobiliário”, e “ontroerend”, que significa “comovente”.

The Smile Off Your Face, de 2003, um espectáculo onde os espectadores estão imobilizados e de olhos vendados, esteve no Festival de Edimburgo de 2007, onde ganhou um Fringe First Award e um Total Theatre Award. No ano seguinte, *Once and for all* repetiu estes dois prémios e ganhou ainda um Herald Angel.

www.ontroerendgoed.be

Kopergietery foi fundada em 1978 com o nome Speelteater; em 1994 mudou-se para uma antiga fundição de cobre (que é o que o nome quer dizer). É um centro de artes performativas que se dedica ao teatro, à dança e à música, acolhendo companhias e artistas de teatro belgas e estrangeiros. Dirige as suas actividades em grande parte a um público jovem e é um lugar onde os jovens fazem teatro, dança e workshops.

www.kopergietery.be

Próximo espectáculo

Alípio C. Neto Quartet

The Perfume Comes Before the Flower

Ciclo ‘Isto é Jazz?’

Comissário: Pedro Costa

Jazz Sex 17 Abril

Pequeno Auditório · 21h30 · Dur. 1h15 · M12



Saxofones Alípio C. Neto
Trompete Herb Robertson
Contrabaixo Ken Filiano
Bateria Michael TA Thompson

Desde a sua chegada a Lisboa, o brasileiro naturalizado português Alípio C. Neto é uma das figuras da cena do jazz criativo em Portugal. Depois de liderar duas formações internacionais (Imi Kollektief e Wishful Thinking) com trabalhos editados desde 2006, Alípio fez uma incursão muito proveitosa a Nova Iorque onde tocou e gravou as suas composições, editadas no CD *The Perfume Comes Before the Flower* (Clean Feed, 2007), que está na base do concerto desta noite.

Este passo revelou-se decisivo para o seu reconhecimento internacional. Os magníficos músicos que o acompanham neste quarteto interpretam as compo-

sições de Neto absorvendo-as primeiro para depois lhe dar um cunho muito pessoal. O resultado musical da banda é tanto rítmico como textural, abstracto e concreto, numa combinação de personalidades com percursos musicais muito diversos.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado

Gonelha

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Pietra Fraga

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

Produção

Paula Tavares dos Santos

Montagem

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Direção Técnica

Eugénio Sena

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo

chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

José Luís Pereira

chefe

Alcino Ferreira

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Recepção

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção de Arte

da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Valter Manhoso

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 - Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt - www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
